

CENTRO UNIVERSITÁRIO BRASILEIRO - UNIBRA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM FARMÁCIA

MARCELA BRENDA MELO DA SILVA
PALOMA BEATRIZ DE LIMA
REGINA VITÓRIA SANTOS CRUZ

**ATUAÇÃO DA FARMÁCIA CLÍNICA NA UTILIZAÇÃO
DE PSICOFÁRMACOS ENTRE CRIANÇAS E
ADOLESCENTES**

RECIFE/2022

MARCELA BRENDA MELO DA SILVA
PALOMA BEATRIZ DE LIMA
REGINA VITÓRIA SANTOS CRUZ

**ATUAÇÃO DA FARMÁCIA CLÍNICA NA UTILIZAÇÃO
DE PSICOFÁRMACOS ENTRE CRIANÇAS E
ADOLESCENTES**

Trabalho de conclusão de curso apresentado à
Disciplina TCC II do Curso de Bacharel em Farmácia
do Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA, como
parte dos requisitos para conclusão do curso.

Orientador (a): Prof^a. Lígia Batista de Oliveira.

RECIFE/2022

Ficha catalográfica elaborada pela
bibliotecária: Dayane Apolinário, CRB4- 2338/ O.

S586a Silva, Marcela Brenda Melo da
Atuação da farmácia clínica na utilização de psicofármacos entre
crianças e adolescentes / Marcela Brenda Melo da Silva, Paloma Beatriz de
Lima, Regina Vitória Santos Cruz. - Recife: O Autor, 2022.

35 p.

Orientador(a): Esp. Ligia Batista De Oliveira.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Centro Universitário
Brasileiro – UNIBRA. Bacharelado em Farmácia, 2022.

Inclui Referências.

1. LGBTQIA +. 2. Processo Transexualizador. 3. Assistência
Farmacêutica. I. Lima, Paloma Beatriz de. II. Cruz, Regina Vitória Santos.
III. Centro Universitário Brasileiro - UNIBRA. IV. Título.

CDU: 615

Dedicamos esse trabalho a nossos pais.

AGRADECIMENTOS

A Deus, Pai da sabedoria, que permitiu investigar racionalmente coisas visíveis do universo científico-acadêmico.

Aos nossos pais, primeiros educadores, que além de nos dá formas orgânicas e comportamentais, também apoiaram e investiram nessa caminhada da escalada do saber.

Aos amigos de turma, pela partilha do aprendizado e pela troca de conhecimentos, como também pelo companheirismo que nos uniu no decorrer desses anos de convivência.

A todos os mestres, que ao invés de facilitarem a forma de raciocínio, problematizaram para que se pudesse pensar mais.

Ao orientador (a) professor (a) pela disponibilidade em responder as inquietações relacionadas a pesquisa, organizando-as e norteando-as para que a conclusão desse trabalho fosse efetivada.

“Uma coletânea de pensamentos é uma farmácia moral onde se encontram remédios para todos os males”.

Voltaire

RESUMO

Atualmente, em decorrência das demandas devastadoras da pandemia, tem sido identificada uma prevalência mundial a problemas relacionados à saúde mental entre crianças e adolescentes, com transtorno de ansiedade, existindo um aumento de medidas interventivas médico-pedagógicas, baseando-se na grande disseminação de diagnósticos e prescrições de medicamentos para esta parcela da população. Geralmente os transtornos de ansiedade detectado em crianças e adolescentes estão associados a fatores sociais, culturais, econômicos e ambientais. O diagnóstico do transtorno de ansiedade, segue acompanhamento médico e tratamento com drogas do tipo ansiolítico, em específico o clonazepam e fluoxetina, auxiliada pela atuação da farmácia clínica. O presente estudo visa apontar as consequências do uso de psicofármacos na saúde das crianças e adolescentes, quando fazem uso contínuo de ansiolíticos e como a farmácia clínica pode auxiliar no tratamento e/ou na farmacodependência, com foco no comparativo, do uso entre o clonazepam e a fluoxetina. Dados fornecidos pelo Ministério da Saúde em 2019, apontaram que jovens brasileiros, cerca de 45,5%, se auto agridem, automutilam e cometem tentativas de suicídio. Durante o período de pandemia, pesquisas revelam um decréscimo significativo na qualidade de vida de crianças e adolescentes com o aumento de ansiedade, irritabilidade e alterações de humor. O estudo é de natureza bibliográfica, na qual tem ideias formuladas sobre os psicofármacos utilizados na pediatria, esse tipo de abordagem compreende investigações que se valem sobre os principais trabalhos realizados, capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados ao tema. Neste contexto, alterações comportamentais de alto estresse, com a chegada da pandemia de COVID-19, em crianças e adolescentes, houve grandes consequências, ficando mais vulneráveis a problemas emocionais de forma agravante gerando sofrimentos psicológicos. Para promover uma análise conclusiva do uso dos medicamentos psicotrópicos entre crianças e adolescentes, aponta-se, neste estudo, consequentemente – os danos à saúde da automedicação, que pode culminar na farmacodependência e o meio de ajuda – a farmácia clínica.

Palavras-chave: Psicofármacos. Farmácia clínica. Pediatria.

ABSTRACT

Currently, as a result of the devastating demands of the pandemic, a worldwide prevalence of problems related to mental health among children and adolescents with anxiety disorders has been identified, with an increase in medical-pedagogical intervention measures, based on the wide dissemination of diagnoses and drug prescriptions for this portion of the population. Generally, anxiety disorders detected in children and adolescents are associated with social, cultural, economic and environmental factors. The diagnosis of anxiety disorder follows medical monitoring and treatment with anxiolytic-type drugs, specifically clonazepam and fluoxetine, aided by the performance of the clinical pharmacy. The present study aims to point out the consequences of the use of psychotropic drugs on the health of children and adolescents, when they make continuous use of anxiolytics and how clinical pharmacy can help in the treatment and/or drug addiction, focusing on the comparison of the use between clonazepam and fluoxetine. Data provided by the Ministério da Saúde in 2019 indicated that young Brazilians, around 45.5%, self-harm, self-mutilate and commit suicide attempts. During the pandemic period, research reveals a significant decrease in the quality of life of children and adolescents with increased anxiety, irritability and mood swings. The study is of a bibliographical nature, in which it has formulated ideas about psychotropic drugs used in pediatrics, this type of approach comprises investigations that rely on the main works carried out, capable of providing current and relevant data related to the subject. In this context, high-stress behavioral changes, with the arrival of the COVID-19 pandemic, in children and adolescents, had major consequences, making them more vulnerable to emotional problems in an aggravating way, generating psychological suffering. In order to promote a conclusive analysis of the use of psychotropic drugs among children and adolescents, this study points out, consequently – the damage to health from self-medication, which can culminate in drug addiction and the means of help – the clinical pharmacy.

Keywords: Psychopharmaceuticals. Clinical pharmacy. Pediatrics.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 OBJETIVOS	12
2.1 Objetivo Geral.....	12
2.2 Objetivos Específicos.....	12
3 REFERENCIAL TEÓRICO	12
3.1 A influência da pandemia na contribuição dos transtornos mentais entre pacientes pediátricos.....	12
3.2 Saúde mental e o desenvolvimento infanto-juvenil.....	15
3.3 A utilização de psicofármacos entre crianças e adolescentes.....	17
3.4 Atuação da farmácia clínica no uso dos psicofármacos em pacientes pediátricos.....	20
4 DELINEAMENTO METODOLOGICO	22
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO	25
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	32
REFERENCIAS	33

1 INTRODUÇÃO

A infância e a adolescência é um momento único, que molda as pessoas para a vida adulta. Enquanto a maioria das crianças e adolescentes tem uma boa saúde mental, múltiplas mudanças físicas, emocionais e sociais, incluindo a exposição à pobreza, abuso ou violência, podem tornar as crianças e adolescentes vulneráveis a condições de saúde mental (BRASIL, 2007). A chegada da pandemia de COVID-19 não foi um evento favorável para a saúde, tanto crianças, jovens e adultos. Com a falta de preparação a uma doença desconhecida, houve grandes consequências, tanto da saúde física quanto da saúde mental (ZYLBERSZTEJN, 2020).

Nos estudos de Zylbersztein (2020) afirmam que com a manifestação dos sintomas físicos, sendo agravantes na população jovem, eles ficaram mais vulneráveis a problemas emocionais no que diz respeito a vivência que geraram sofrimentos. Com a disseminação da doença, houve a necessidade do isolamento social, causas que gera ansiedades, instabilidade emocional em todas as pessoas, afastamento de parentes, amigos e a mudanças de rotinas.

Segundo Reuvas (2009) viver sobre circunstância de instabilidade emocional aumenta a chance de desenvolver ansiedade, depressão, consumo de álcool e propensão de drogas. Quando não se trata os distúrbios emocionais que surgem na infância e na adolescência, pode representar um grave prejuízo na idade adulta. Rivellino (2020) menciona que o transtorno mental decorrente de situação estressora pode tomar maiores proporções na pandemia e prejudicar o desenvolvimento mental e físico.

Pereira et al. (2020) descreve que durante o período de pandemia foram constatadas situações geradas pelo medo e pela insegurança. A necessidade do isolamento para evitar o contágio da doença, nem sempre tem sido recebida de forma tranquila e tem afetado especialmente as crianças e adolescente. Segundo a Organização Americana de Saúde (*Pan American Health Organization - PAHO*, 2020), dados de pesquisas apontam casos de distúrbios psiquiátricos nas fases da infância e adolescência em tempos de pandemia, interferindo no desenvolvimento humano dessa população.

Segundo a classificação do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV), de acordo com a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA, 2013), a ansiedade tem sido considerada o “mal do século”, sendo

necessário ser tratada como um Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), que apresentam sintomas evidentes, em destaque, descritos por Costa et al. (2019): a preocupações e medos excessivos, visão irreal de problemas, inquietação e irritabilidade.

Cerca de 450 milhões de pessoas sofrem com algum transtorno de saúde mental, na qual existe uma prevalência mundial dos transtornos de ansiedade em 7,3%. Neste contexto, para aplacar os sintomas causados pelo transtorno, devem ser administrados, para tratamento da TAG, medicamentos psicotrópicos, pois são substâncias que atuam no Sistema Nervoso Central (SNC), contudo deve haver um alerta para a utilização do fármaco, pois o mesmo, pode desencadear alterações e dependência (COSTA et al., 2019).

Oliveira et al. (2022) apontou que a prescrição de psicofármacos entre pacientes pediátricos em todo mundo por causa dos transtornos mentais chega a ser cerca de 13% a 20%, enquanto que no Brasil, a prevalência é na faixa dos 12,7% a 19,9%.

Quando se refere a tratamentos com psicofármacos, Alcântara (2022) menciona que os mais indicados para crianças e adolescentes, para Transtornos Psicóticos, são: (haloperidol, clorpromazina, tioridazina, risperidona, olanzapina, clozapina); Em casos de Transtornos de ansiedade, são: (fluoxetina, clonazepam, sertralina, paroxetina). A utilização dos psicofármacos, entre paciente crianças e adolescentes, vem aumentando nos últimos 10 anos, sendo prescritos por pediatras e psiquiatras.

Leonardi (2019) salienta que os efeitos colaterais que os psicofármacos trazem para a saúde dos pacientes pediátricos, dentre os mais recorrentes: boca seca, constipação intestinal, retenção urinária, visão borrada, taquicardia, queda de pressão, tonturas, sudorese, sedação, ganho de peso, tremores.

Neste contexto, deve-se tecer a pergunta norteadora do estudo: Qual o papel da farmácia clínica na atenção à utilização de Psicofármacos entre crianças e adolescentes na contribuição dos transtornos mentais entre estes pacientes pediátricos?

O estudo se justifica pela necessidade de apontar, através da farmácia clínica, o tratamento dos transtornos de ansiedade, o clonazepam que é indicado para os sintomas somáticos e sinais autonômicos de ansiedade e a fluoxetina que é um

antidepressivo utilizados como inibidores seletivos de receptação da serotonina, ambos os mais usados entre pacientes pediátricos.

Para tecer a abordagem teórica, houve a necessidade de falar sobre a influência da pandemia na contribuição dos transtornos mentais entre pacientes pediátricos; logo após, a abordagem foi trazer embasamento teórico sobre a saúde mental e o desenvolvimento infanto-juvenil; em outra secção, a utilização de Psicofármacos entre crianças e adolescentes fez parte do desenvolvimento do estudo e por fim, deve-se abordar sobre a atuação da farmácia clínica no uso racional dos Psicofármacos em pacientes pediátricos.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Comparar os efeitos colaterais do clonazepam e a fluoxetina na saúde das crianças e adolescentes, quando fazem uso contínuo desses Psicofármacos e como a Farmácia clínica pode auxiliar no tratamento e/ou no farmacodependência.

2.2 Objetivos Específicos

- ✓ Descrever a relação entre a saúde mental e o desenvolvimento infanto-juvenil;
- ✓ Apontar a administração medicamentosa de psicotrópicos no Brasil em tempos de pandemia entre crianças e adolescentes;
- ✓ Mencionar a atuação da farmácia clínica no uso racional dos psicofármacos em pacientes pediátricos.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 A influência da pandemia na contribuição dos transtornos mentais entre pacientes pediátricos

Diante do contexto social em que vem se desenvolvendo indivíduos, segundo a Organização Pan-Americana da Saúde em conjunto com a Organização Mundial de Saúde (OPAS/OMS, 2020), a infância e adolescência, estipulada entre os primeiros anos de vida até aos 19 anos, de acordo com entidades, aponta que é nesse período

da vida, que as percepções e moldes acontecem, preparando para a fase adulta (PAOH, 2020).

Em um desenvolvimento, dentro das normalidades, a maioria das crianças e dos adolescentes tem uma boa saúde mental, múltiplas mudanças físicas, emocionais e sociais, incluindo as exposições negativas, que qualquer indivíduo pode passar na infância, como, à pobreza, abuso ou violência, podem torná-los vulneráveis a condições de saúde mental, na qual cerca de 10% e 20% passam por problemas psicológicos e 16% possuem doenças e lesões, destacando a depressão e o suicídio, sendo as principais causas de morte (PAOH, 2020).

Segundo Furlanetto et al. (2019), baseando em estudos realizados entre a Pesquisa Nacional da Saúde do Escolar (PeNSE), Ministério da Saúde (MS) e o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), verificaram, em conjunto, que o desenvolvimento, a saúde e a educação de crianças e adolescentes, em idade escolar, no Brasil, em sua maioria, recebem informações sobre variadas temáticas, em muitas vezes de maneira superficial.

De acordo com Figueiró (2020), existem evidências que nem todos os problemas com adolescentes dentro e fora do âmbito escolar e familiar estão relacionados apenas com questões sociais e econômicas. O autor enfatiza baseado em estudos anteriores, que boa parte do comportamento de crianças e adolescentes, sem orientação em variadas temáticas, provém da estrutura familiar em desconstrução ou má alicerçada.

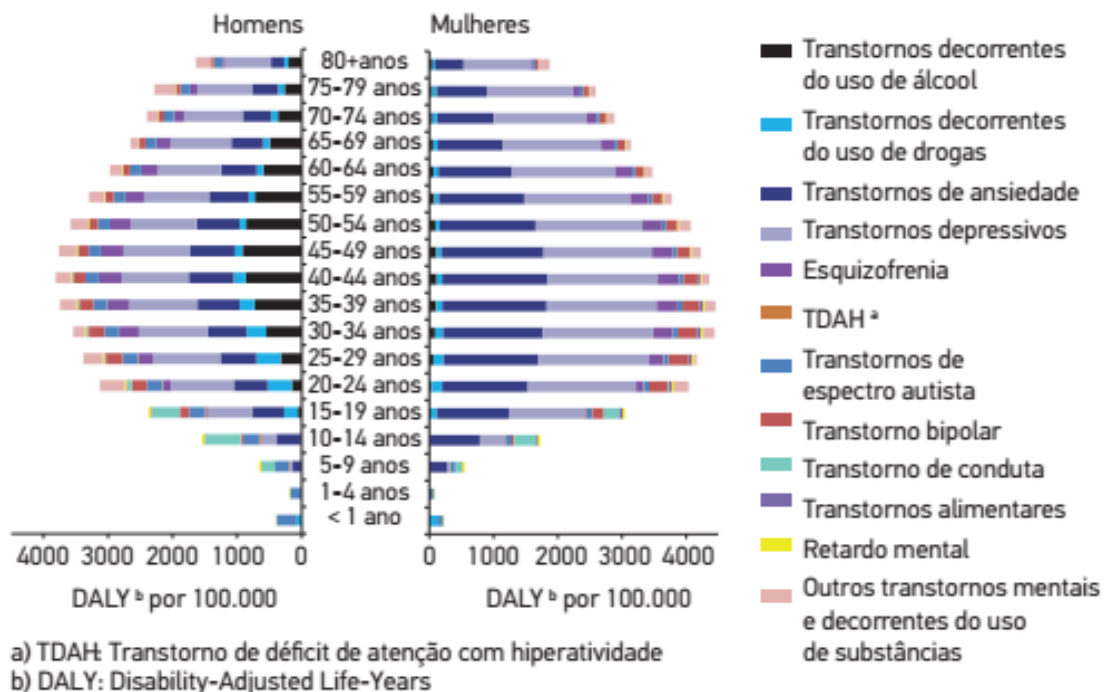
Baseado na Organização Mundial de Saúde (OMS, 2020), entendem-se como Transtornos Mentais e Comportamentais as condições caracterizadas por alterações mórbidas do modo de pensar e/ou do humor (emoções), e/ou por alterações mórbidas do comportamento associadas a angústia expressiva e/ou deterioração do funcionamento psíquico global. Segundo a Organização Americana de Saúde (*Pan American Health Organization - PAHO*, 2020), os Transtornos Mentais e Comportamentais não constituem apenas variações dentro da escala do "normal", sendo antes, fenômenos claramente anormais ou patológicos.

Segundo Reuvas (2009), as características do desenvolvimento da infância e adolescência quanto ao transtorno de comportamento típico é inerente ao ser humano, mesmo que sofra influências inatas que apontam como será desencadeada, não pode ser analisada sem se considerar também as influências sociais que a fundamenta, pois o homem é um ser social e o seu desenvolvimento é possível devido

à evolução de mecanismos da vida em sociedade, que foram se tornando cada vez mais complexos, graças às interações sociais entre os seus indivíduos.

Pesquisa realizada por Bonadiman et al. (2019), por meio de estudo descritivo da carga de doença dos Transtornos Mentais, usando estimativas padronizadas por idade do Estudo Global da Carga de Doenças (*Global Burden of Disease Study*) 2015 da prevalência de transtornos em vários países do mundo: anos de vida perdidos por morte prematura (YLL); anos vividos com incapacidade (YLD); e anos de vida perdidos por morte ou incapacidade (DALY=YLL+YLD), conforme aponta a Figura 1.

Figura 1: Prevalência de transtornos mentais



Fonte: Bonadiman et al. (2019)

Os transtornos mentais descritos por Bonadiman et al. (2019), está relacionado com o uso abusivo de substâncias psicoativas, em média, 26,1% da população adulta em 17 países, gastando com saúde, afetando o social e o econômico do país, incidindo diretamente no planejamento dos cuidados de saúde.

Países subdesenvolvidos, como o Brasil, tem um custo de menos de 2,00 US\$ *per capita* no tratamento e na prevenção de transtornos mentais; enquanto países de alta renda gastam, em média, mais de 50,00 US\$, afirma Bonadiman et al. (2019).

Dados da Pesquisa Nacional de Saúde (PNS), comprovam que no Brasil, que o acesso a saúde com qualidade é desigual, em destaque a saúde mental, neste

apontamento Bonadiman et al. (2019) aponta que uma grande parte da população brasileira, em estágios avançados de depressão, chega a quase 80%, estes mesmos são desprovidos de tratamento clínico e medicamentoso.

A Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime (*United Nations Office on Drugs and Crime - UNODC*), associado com a Organização Mundial de Saúde (OMS), em seus relatórios, no tocante ao consumo de drogas lícitas e ilícitas, apontaram que mais de 250 milhões de pessoas consomem, em todo o mundo, na qual a décima parte desta estatística, são dependentes de drogas, estando este grupo enquadrado nos 20 principais fatores de risco para a saúde nos países em desenvolvimento (BRASIL, 2004).

O transtorno de conduta é um distúrbio psicológico que pode ser diagnosticado na infância em que a criança apresenta atitudes egoístas, violentas e manipuladoras que podem interferir diretamente no seu desempenho na escola e na sua relação com família e a amigos (BRASIL, 2013).

Os principais sintomas indicativos do transtorno de comportamento psicológico são: falta de empatia e preocupação com os outros; rebeldia e comportamento desafiador; manipulação e mentiras frequentes; tendência a culpar outras pessoas; pouca tolerância à frustração, apresentando frequentemente crises de irritabilidade; agressividade; comportamento ameaçador, podendo iniciar brigas, por exemplo; fuga de casa frequente; furtos e/ou roubos; destruição de bens e vandalismo; atitudes cruéis com animais ou pessoas (SOUZA, 2016).

Neste contexto, as relações possíveis, entre o desenvolvimento dos transtornos de comportamento e conduta e as dificuldades de aprendizagem, de acordo com Brasil (2018) e Brasil (2007), a criança e adolescente que é apresentado com transtornos de comportamento e conduta, é diagnosticado com um tipo específico de problema de aprendizagem. As crianças e adolescentes com esse transtorno são capazes de aprender, mas apresentam dificuldades de se sair bem na escola devido ao impacto que os sintomas têm sobre uma boa atuação.

3.2 Saúde mental e o desenvolvimento infanto-juvenil

A pandemia do novo Coronavírus mudou a forma de se viver em todo o mundo. Um grupo em particular requer atenção especial dos adultos: as crianças e os adolescentes. Além do risco de contrair o vírus. Segundo a UNESCO, o fechamento

de escolas impactou a vida de 1,3 bilhões de alunos em 186 países. No Brasil, essa interrupção na vida cotidiana fez com que crianças e adolescentes perdessem o contato (RIVELLINO, 2020).

Zylbersztejn (2020) destaca que dados da pandemia identificaram que, a cada hora, pelo menos quatro crianças ou adolescentes são vítimas de violência sexual no Brasil. Muito foi dito sobre como a Covid-19 afetou idosos, mulheres, homens e crianças, com seus reflexos de maiores danos entre crianças e adolescentes. Pensando nisso, a Sociedade Brasileira de Urologia (SBU, 2020) realizou uma pesquisa para avaliar como anda a saúde dos mais jovens nesse período, na qual constatou, através de 267 adolescentes em 12 estados brasileiros, que na pandemia, houve uma piora significativa na qualidade de vida dos mais jovens. Para 68% dos participantes, houve aumento de ansiedade, irritabilidade e outras mudanças de humor.

De acordo com o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), os agravos sofridos à crianças e adolescentes podem comprometer também a qualidade de vida, tendo em vista que é comum que os jovens não tenham ferramentas para lidar com essas frustrações e recorram a outras práticas para mitigar o sofrimento, como abuso de substâncias psicoativas, automutilação e até mesmo o suicídio (BRASIL, 2007).

O Ministério da Saúde (MS, 2018) apontam pesquisas de jovens de 15 a 29 anos de idade concentraram 45,5% das ocorrências de autoagressões, automutilações e tentativas de suicídio de 2011 a 2018. O número passou de 14.490 para 95.061, na qual, vale salientar, que nas escolas a inclusão de novos elementos curriculares para desenvolvimento de habilidades socioemocionais requer que o próprio professores e as instituições recebam formação adequada para esse fim (BRASIL, 2018).

As políticas de saúde mental dirigidas aos adolescentes começaram a ser desenvolvidas a partir dos anos 2000. Até a implementação do Estatuto da Criança e Adolescente (ECA), não existia enfoque nacional para a saúde mental de crianças e adolescentes, deve-se haver uma abordagem de cunho estigmático e punitivo para as camadas mais desfavorecidas (BRASIL, 2018).

Araújo (2019) destaca que no início do século 21 começou um processo mais robusto de atenção à saúde mental infanto-juvenil, por meio do estabelecimento de diretrizes e ações prioritárias do SUS. Um marco importante nesse sentido foi o investimento de recursos, a partir de 2002, em Centros de Atenção Psicossocial Infanto-

juvenis (CAPSij). Mas os serviços oferecidos não estão presentes em todo o país, o que é um ponto de atenção quando o tema é o alcance das políticas públicas.

No campo da Farmácia clínica, segundo Noal et al. (2020), psicólogos e psiquiatras pediátricos têm prescrito Psicofármacos que devem ser administrados, juntamente com a atenção ao suporte às famílias para apoiar os jovens no período da pandemia. Faz-se necessário, ferramentas para os jovens participarem da construção de seu futuro, mas com ajuda e orientações adequadas. Diante das queixas de angústia, evidenciam-se manifestações comuns e precoces após eventos traumáticos.

Mudanças no humor, no comportamento, no sono, aumento da agressividade, sintomas de ansiedade, dificuldades grandes e abruptas na cognição devem ser consideradas, destaca a Associação Brasileira de Psiquiatria (ABP, 2020). Segundo Araújo (2019), em tempos de pandemia, as alterações de comportamento intensas em demasia pode ser uma indicação de desenvolvimento de pensamentos de risco, sendo o suicídio o desfecho mais trágico, este contexto, crianças e adolescentes precisam de estrutura e de senso de normalidade para manter a estabilidade emocional.

3.3 A utilização de Psicofármacos entre crianças e adolescentes

Segundo Costa et al. (2019), a classificação do Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV), fobia, transtorno de pânico, Transtorno Obsessivo-Compulsivo (TOC), fobia social, transtorno de estresse pós-traumático (TEPT) e Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), estão enquadrados nos chamados transtornos de ansiedade.

Segundo Noal et al. (2020), os transtornos de ansiedade potencializou entre as crianças e adolescentes durante a pandemia. Em destaque, pela prevalência estatística, o Transtorno de Ansiedade Generalizada (TAG), no qual apresenta os sintomas clínicos, enquadrados nos transtornos, como: doenças cardiovasculares e renais, acrescentando os danos no convívio social, impedindo de realizar atividades do cotidiano pelo fator mais evidente desse transtorno, o medo.

De acordo com os apontamentos de Alcântara (2022), a prescrição de Psicofármacos na atenção primária à saúde, no período da pandemia da Covid-19, ficou evidenciado os transtornos de ansiedade, e as dispensações de fármacos mais destacadas nesse período de isolamento social, foram os psicotrópicos, com a classe dos benzodiazepínicos (clonazepan) e o antidepressivo da classe dos inibidores

seletivos de receptação de serotonina (fluoxetina), segundo Battistelli (2019) os ansiolíticos e antidepressivos, são drogas que atuam no Sistema Nervoso Central, sendo os tipos medicamentos mais vantajosos utilizados por indivíduos com transtornos mentais, tem seu uso permitido, tendo sua aquisição controlada por receituário médico adequado.

Quanto a Fluoxetina (Figura 2a) é um fármaco utilizado para combater a depressão e transtornos ansiosos, de uma forma geral, os tratamentos ficam entre 6-24 meses, podendo ocorrer em períodos mais longos, afirma Paulino (2018). Enquanto o Clonazepam (Figura 2b) é usado em ansiedade e insônia e alguns casos de epilepsia, sendo esse benzodiazepínico recomendado ser administrado por 4 à 6 semanas.

Figura 2a: Fórmula estrutural da Fluoxetina

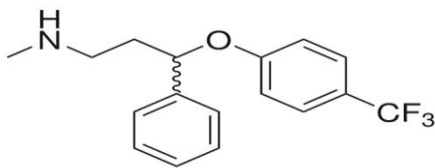
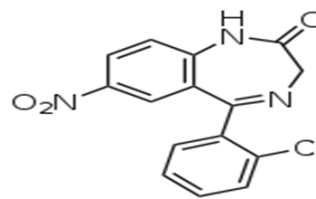


Figura 2b: Fórmula estrutural do Clonazepam



Fonte: Medley, Farmacêutica Ltda. – Bula, 2017.

Quanto aos efeitos colaterais do clonazepam, se tem: sedação, sonolência, diminuição da concentração além de provocar uma possível dependência. Por outro lado os efeitos colaterais da Fluoxetina provoca ansiedade, diarreia, sonolência, fraqueza geral, dor de cabeça, hiperidrose (excesso de suor), insônia, náusea (enjoo), nervosismo, bocejo (MEDLEY, 2017).

Os Psicofármacos agem diretamente no sistema nervoso, com consequente ação anticonvulsivante, sedativa leve, relaxante muscular e tranquilizante, diante dessas propriedades eles tem sido a primeira escolha em muitos casos de problemas psíquicos diagnosticados, tais como: distúrbio do pânico com ou sem medo de espaços abertos, fobia social (MATTA et al., 2011).

As pesquisas realizadas por Braghini (2019) e Mercadante et al. (2005) trazem alerta sobre a administração medicamentosa da psicofarmacologia em criança. Segundo Amaral et al. (2016) existe uma prevalência no uso de Clonazepam e

Fluoxetina por variadas faixas etárias, principalmente entre crianças e adolescentes que se submetem a um alto nível de estresse, nos quais fazem uso desses medicamentos para tratar algum tipo de distúrbio psíquico.

No tocante as especializações, para prescrever o medicamento clonazepam e fluoxetina, Rocha et al. (2004) enfatizam sobre as orientações ao pediatra sobre o manejo das drogas psicoativas e antiepiléticas em crianças e adolescentes, na qual, segundo Lima et al. (2017), enfatizam que existe uma deficiência notável entre os usuários não serem acompanhado por médicos especialistas em conjunto com o apoio da farmácia clínica, os autores acreditam que isso acontece pela escassez do médico especialista e a falta de um acompanhamento da equipe multiprofissional.

Segundo Firmino et al. (2011) e Silva et al. (2018) existe a necessidade do uso recorrente dos Psicofármacos para “sanar” os sintomas físicos e psíquicos, contudo, a orientação da Farmácia Clínica alerta para problemas de disciplina e perturbações graves, após o uso destas substâncias.

Em idade pediátrica, os efeitos colaterais mais comuns dos Psicofármacos incluem: sonolência, dor de cabeça, cansaço, gripe, depressão, vertigem, irritabilidade, insônia, dificuldade para coordenar movimento ou caminhar, perda de equilíbrio, náuseas, e dificuldades de concentração (MERCADANTE et al., 2005).

3.4 Atuação da farmácia clínica no uso dos psicofármacos em pacientes pediátricos

De acordo com Leonardi (2019), existe uma real preocupação com o abuso de drogas, principalmente o uso de psicotrópicos administrados em crianças e adolescentes, não teve correlação com períodos em qualquer época da vida. Para o autor, existe um ponto em comum significativo entre a intensidade de estresse e o uso de psicotrópicos sobre estresse pós-traumático.

A prevalência do uso de psicotrópicos atualmente, está ligado a influência desfavorável no consumo abusivo de drogas durante e após a pandemia, na qual o isolamento social exigiu constante concentração e equilíbrio emocional, neste contexto, Leonardi (2019) alerta para que os farmacêuticos, sejam atentos a dispensação dos Psicofármacos, no tocante a importância do controle na administração medicamentosa em crianças e adolescentes.

Neste sentido, a Atenção Farmacêutica (AF) é a prática elaborada dentro da Assistência Farmacêutica, direcionada a atitudes como valores éticos, habilidades,

compromissos, comportamento, corresponsabilidade na prevenção de enfermidades, promoção e recuperação da saúde, de maneira participativa, envolvendo à equipe multidisciplinar (SANTOS et al., 2018).

A atuação do farmacêutico clínico é de extrema importância para que o paciente alcance bons resultados, afirmam Araújo et al. (2019), pois o profissional, realiza o monitoramento das reações adversas, interações e acompanhamento da adesão do tratamento, sendo um elo com outros profissionais, neste contexto, torna-se essencial ao farmacêutico clínico perceber a suas limitações no que diz respeito a saúde-doença, para que assuma a melhor escolha, avaliando a situação do paciente, e se necessário, encaminhá-lo para a assistência médica ou serviço emergencial

Na estratégia do Consenso Brasileiro da Atenção Farmacêutica, Araújo et al. (2019), ressaltam que os serviços farmacêuticos são necessários para a dispensação, orientação, promoção e educação da saúde, destacando a atenção a crianças e adolescentes.

Na AF, na atuação clínica ao paciente pediátrico, perguntas sobre a saúde do paciente, histórico clínico e as medicações que já foram utilizadas e aquelas que estão em uso, histórico médico e quais são os tratamentos que estão sendo realizados no momento. As perguntas podem ser direcionadas ao paciente quando consciente e orientado, cuidador, familiares ou aos profissionais de saúde (CFF-RES 586, 2013).

O acolhimento ao paciente pediátrico é fundamental para iniciar a consulta, permitindo que o paciente se sinta mais à vontade para relatar seus problemas de saúde, com o atendimento individualizado no tempo necessário. O principal motivo da consulta é coletar as informações importantes para organização de dados, entrevista clínica e utilização das técnicas da semiologia farmacêutica (CFF, 2013).

O farmacêutico deve solicitar que o paciente pediátrico leve até seu consultório todas as medicações de consumo ao longo do dia, com o propósito de revisar se ainda faz necessidade a administração daquele fármaco. É necessário que o paciente seja informado sobre a doença e os medicamentos prescritos, assim como, sempre entrar em contato com o prescrito quando identificado um Problema Relacionado a Medicamentos (PRM). Todas as informações devem ser registradas para elaboração de um plano terapêutico (QUINALHA & CORRER, 2010).

Então, é função do farmacêutico clínico na AF, auxiliar na identificação dos Problemas Relacionados aos Medicamentos (PRMs), uso incorretos de doses, reações adversas, automedicação e interações medicamentosas. Sendo assim,

através de intervenções farmacêuticas e acompanhamento farmacoterapêutico, os PRMs podem ser identificados, prevenidos e tratados, contribuindo também para uma farmacoterapia mais racional (LANA et al., 2018).

O papel do farmacêutico clínico no uso de psicotrópicos, segundo Rêgo (2016) têm como prospecção a prática farmacêutica na qual deve se direcionar para o paciente, tendo o medicamento como instrumento. Neste contexto, o profissional farmacêutico precisa ter o conhecimento e também avaliar, com minúcias, os aspectos farmacológicos dos medicamentos em uso.

O desenvolvimento do acompanhamento farmacoterapêutico deve não acarreta problemas, em particular, em suas atividades cotidianas, pois os riscos com a administração medicamentosa incorreta, pode afetar sua saúde e segurança, afirmam Rêgo (2016). Nesta linha de pensamento, a administração do clonazepan e Fluoxetina por conta própria, após longo período, traz consequências danosas para a saúde dos pacientes pediátricos, então como a Farmácia clínica pode auxiliar no tratamento da farmacodependência em crianças e adolescentes.

Castilho et al. (2019) destaca que as práticas clínicas no cuidado farmacêutico estão diretamente ligadas a acesso à medicamentos, em conformidade com as afirmações de Oliveira et al. (2022) sobre as prescrição de psicofármacos em pacientes pediátricos, deve-se atentar para os parâmetros técnicos, afim de promover segurança na administração dos medicamentos, trazendo a possibilidade de identificar e gerenciar interações medicamentosas, assegurando que os medicamentos escolhidos no formulário sejam usados da forma apropriada.

A utilização prolongada, do psicotrópico clonazepan e fluoxetina, provoca alterações no comportamento, humor e cognição; tendo grande propriedade reforçadora, sendo, inclusive, passíveis de autoadministração, principalmente em pacientes pediátricos, podendo prejudicar a memória e a eficácia medicamentosa, após os períodos recomendáveis na bula. Em geral, não há nenhuma contraindicação em se usar o clonazepam associado à fluoxetina, alerta bula da Medley (2017).

4 DELINEAMENTO METODOLÓGICO

O presente projeto de pesquisa é de natureza bibliográfica. De acordo com as ideias formuladas por Marconi & Lakatos (2003) esse tipo de abordagem compreende

investigações que se valem sobre os principais trabalhos realizados, capazes de fornecer dados atuais e relevantes relacionados ao tema.

Para o tipo da pesquisa, o estudo se enquadra com a pesquisa qualitativa, na qual Minayo (2003, p. 16-18) aponta que “o caminho do pensamento a ser seguido ocupa um lugar central na teoria e trata-se basicamente do conjunto de técnicas a ser adotada para construir uma realidade”.

Neste estudo devem-se apontar pressupostos da documentação indireta, na qual segundo Marconi & Lakatos (2003), esse tipo de pesquisa implica o levantamento de dados de variadas fontes, quaisquer que sejam os métodos ou técnicas empregadas, ou seja, coleta de informações acerca da área desejada priorizando como método para levantamento de dados a pesquisa de cunho bibliográfico.

Foram utilizados os seguintes critérios de inclusão: artigos empíricos publicados nas línguas portuguesa que incluíssem psicotrópicos, medicamentos controlados, Clonazepan e Fluoxetina, avaliação psicológicas em crianças e adolescentes.

Os critérios de exclusão foram estudos de desenvolvimento ou validação de instrumentos psicométricos, teses, TCC, capítulos de livros e estudos não empíricos, artigos condizentes com os critérios mencionados com base na leitura de seus títulos e resumos. A partir desse ponto, os resultados foram sintetizados em: correlatos psicossociais e neurobiológicos, saúde mental e outros desfechos e estudos da eficácia de intervenções em crianças e adolescentes.

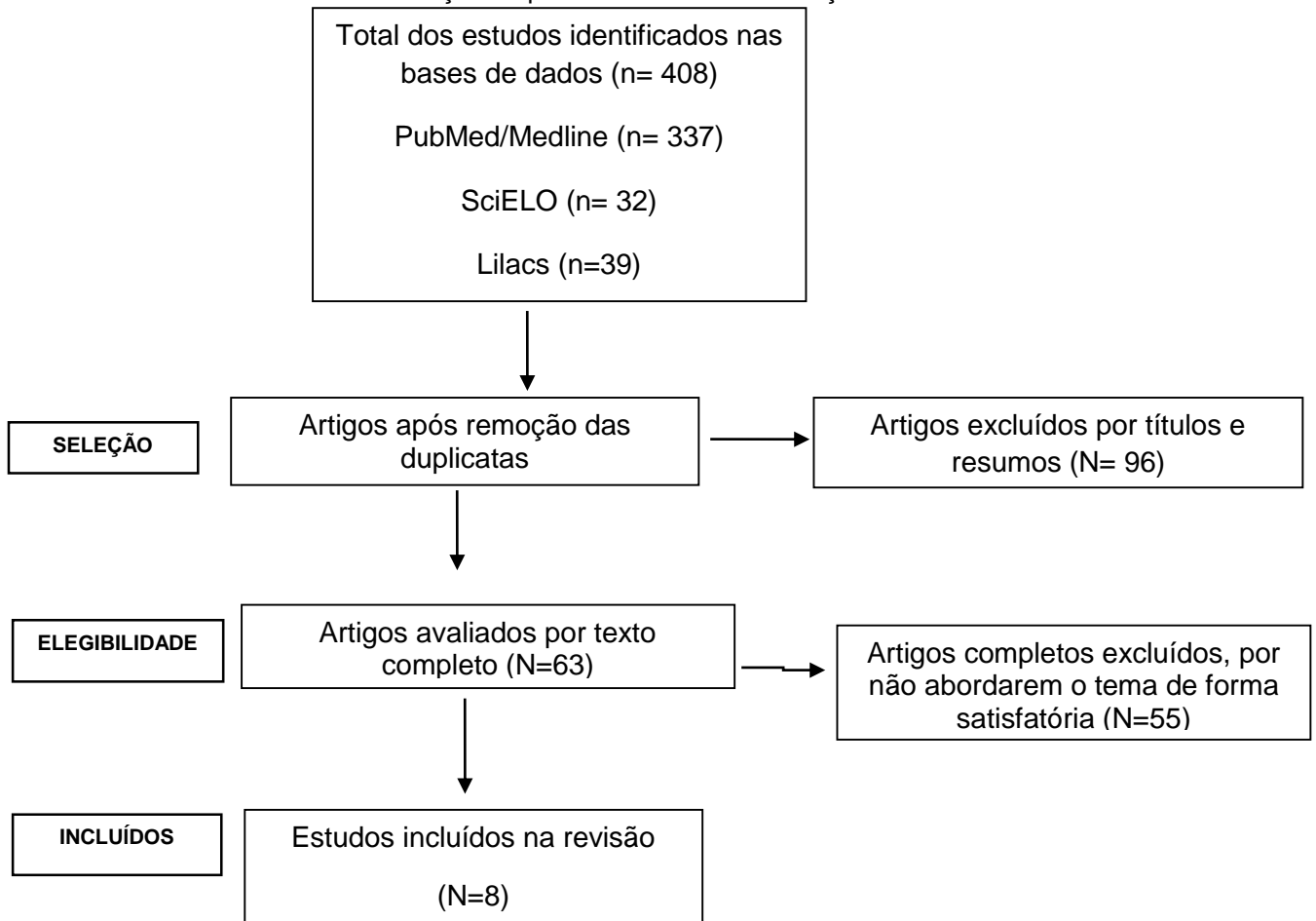
Será conduzida a análise dos dados mediante dois artifícios metodológicos, os quais estão assinalados em Marconi & Lakatos (2003), a construção de texto descritivo-argumentativo.

Nesse caso, se construiu um texto baseado nas impressões registradas na coleta de dados bibliográficos que traga um olhar acerca das consequências do uso de medicamentos controlados para crianças e adolescentes, no período de pandemia, apontando para utilização racional do clonazepan e da fluoxetina, fazendo uma análise comparativa dos efeitos colaterais de cada um para os pacientes pediátricos, tendo uma vasta oferta como também a atração por novidades terapêuticas; muitas das quais são apenas variações de fórmulas conhecidas.

Neste sentido, segundo Marconi & Lakatos (2003), os pontos favoráveis e desfavoráveis, devem ser utilizados, como instrumentos de coleta de dados, a pesquisa bibliográfica a fim de permitir o levantamento de informações indispensáveis

para a planificação do trabalho. A partir da análise dos artigos foram formuladas as discussões sobre os principais resultados e conclusões do estudo, no espaço temporal de 2004 à 2022. A seleção se deu de forma criteriosa e sistemática e os passos referentes à seleção e exclusão dos estudos estão dispostos no fluxograma, apresentados na Figura 1.

Figura 1: Fluxograma mostrando o processo de seleção dos estudos abordando atuação da farmácia clínica na utilização de psicofármacos entre crianças e adolescentes



Fonte: Autoras, 2022.

5 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A amostra final foi composta por 8 artigos, demonstrado no Quadro de síntese de estudos. As publicações selecionadas, como destaque para compor a discussão, apresentar os resultados desta revisão em um formato sinóptico. Elaborou-se um

discussão que enfatizou informações relevantes dos estudos sobre psicotrópicos em pacientes pediátricos.

Quadro 1: Síntese dos estudos que compuseram a amostra final.

TÍTULO/BASE DE DADOS/ PAÍS	OBJETIVO	TIPO DE ESTUDO	RESULTADOS
BINOTTO, B. T.; GOULART, C. M. T.; PUREZA, J. R. Pandemia da COVID-19: indicadores do impacto na saúde mental de adolescentes. 2021. LILACS/BRASIL	Analisar os níveis de ansiedade, estresse e depressão de adolescentes no contexto da pandemia da COVID-19 e correlacionar os níveis de ansiedade, estresse e depressão com a percepção dos adolescentes sobre os impactos da pandemia em sua vida.	Delineamento utilizado foi o quantitativo, correlacional e transversal.	A partir desses resultados, entende-se que a pandemia pode ser encarada pelos adolescentes como um período complicado e gerador de sofrimentos, intensificando suas vulnerabilidades e limitando acesso a sistemas de suporte.
ALCÂNTARA, A. M. Prescrição de Psicofármacos na Atenção Primária à Saúde no contexto da Pandemia da Covid-19. 2022. LILACS/BRASIL	Analisar o padrão de prescrição de Psicofármacos antes e durante a pandemia pelo novo corona vírus nas Unidades de Saúde da Família no município de Pinhais-PR.	Trata-se de um estudo farmacoepidemiológico retrospectivo a partir da coleta de dados secundários.	Considera-se que identificar o padrão de prescrição e de consumo de Psicofármacos na Atenção Primária à Saúde pode contribuir para traçar uma linha de cuidado no âmbito da saúde mental durante e após a pandemia da Covid-19, uma vez que grande parte dos usuários com transtornos mentais e em sofrimento psíquico deveriam ser acompanhados nesse nível de atenção.
SILVA, O. R. T. da; SILVEIRA, M. M. da. O uso de Psicofármacos por crianças e adolescentes em um Centro de Atenção Psicossocial Infantil. 2019. MEDLINE/BRASIL	Verificar a utilização de Psicofármacos por crianças e adolescentes de um Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi).	Pesquisa retrospectiva e transversal.	Portanto, este estudo revelou um uso elevado de Psicofármacos e, conseqüentemente, medicamentos usados com hipóteses diagnósticas ou sem um diagnóstico, tratando sintomas advindos de demanda escolar e familiar.

<p>BUCHWEITZ, C.; CAYE, A.; KIELING, C.</p> <p>Em nossas mentes: o estado de saúde mental da criança e do adolescente. 2022.</p> <p>MEDLINE/INGLÊS</p>	<p>Apontar o relatório do UNICEF sobre o aumento do investimento pode aumentar o ceticismo na era COVID-19, o relatório também destaca a ligação entre bem-estar mental e iniciativas para minimizar o risco e maximizar os fatores de proteção em áreas mais amplas, como a família e a escola.</p>	<p>Análise descritivo de cunho qualitativo.</p>	<p>O relatório do UNICEF destaca que ainda há muitas incertezas sobre as consequências da pandemia da COVID-19, no que diz respeito a afetar a saúde mental de crianças e adolescentes, e o fato de um relatório importante e abrangente ter agora focado o estado da saúde mental é um uma virada positiva que deve incentivar a ação para impactar tanto o presente quanto as gerações futuras.</p>
<p>ALMEIDA, C. R. de; COUTINHO, E. S. F.; SILVA, D. A.; OLIVEIRA, E. R. A. de; BLOCH, K. V.; VIANA, M. C.</p> <p>Exposição ao aleitamento materno e transtornos mentais comuns na adolescência. 2019.</p> <p>LILACS/BRASIL</p>	<p>O objetivo foi avaliar o efeito da exposição e do tempo de exposição ao aleitamento materno na ocorrência de transtornos mentais comuns (TMC) entre adolescentes escolares brasileiros.</p>	<p>Análise de dados clínicos.</p>	<p>O estudo constatou que o aleitamento materno prolongado parece desempenhar um papel protetor para a ocorrência de Transtornos Mentais Comuns na adolescência.</p>
<p>LAGO, A. D.; FERREIRA, T. T. D. et al. Avaliação das Intervenções Farmacêuticas: estudo realizado em uma UTI Pediátrica do Hospital Universitário Materno Infantil em São Luís – MA. 2022.</p> <p>LILACS/BRASIL</p>	<p>Avaliar o perfil das intervenções farmacêuticas realizadas pela farmácia clínica nos pacientes pediátricos internados na Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica (UTIP) do Hospital Universitário Materno Infantil em São Luís – MA.</p>	<p>Estudo quantitativo, retrospectivo e transversal.</p>	<p>As intervenções, no público pediátrico, farmacêuticas contribuíram para reduzir os erros relacionados à farmacoterapia dos pacientes, contribuindo para melhora no quadro clínico, diminuição dos custos durante o tratamento e o período de internação.</p>
<p>BECERRIL-VILLANUEVA, E.; PÉREZ-SÁNCHEZ, G.; ALVAREZ-HERRERA, S.; GIRÓN-PÉREZ, M. I.; ARREOLA, R.; CRUZ-</p>	<p>Avaliar os níveis de fatores de crescimento em adolescentes com Distúrbios Depressivo Maior (MDD) e o acompanhamento</p>	<p>Análise de caso na pesquisa clínica.</p>	<p>Estes distúrbios podem estar envolvidos na fisiopatologia do Distúrbios Depressivo Maior (DDM), uma vez que tais fatores de crescimento têm provado participar do</p>

<p>FUENTES, C.; PALACIOS, L.; LA PEÑA, F. R. DE; PAVÓN, I.</p> <p>Alterações nos Níveis de Fatores de Crescimento em Adolescentes com Grande Desordem Depressiva: Um Estudo Longitudinal durante o Tratamento com Fluoxetina. 2019.</p> <p>LILACS/BRASIL</p>	<p>clínico durante oito semanas de tratamento com fluoxetina.</p>		<p>desenvolvimento neural e do funcionamento correto; portanto, alterações sutis no mesmo podem contribuir para a DDM.</p>
<p>VLOET, T. D.; FEKETE, S.; GERLACH, M.; ROMANOS, M.</p> <p>O manejo farmacológico das emergências psiquiátricas da criança e do adolescente: evidências e garantia de qualidade. 2022.</p> <p>MEDLINE/ALEMÃO</p>	<p>Descrever as intervenções psicofarmacológicas devido à falta de dados sistematicamente avaliados.</p>	<p>Análise de caso clínico.</p>	<p>O uso do Monitoramento de Medicamentos Terapêuticos, Therapeutic Drug Monitoring – TDM, também é um importante instrumento de segurança medicamentosa em situações de emergência psiquiátrica infantil e adolescente em terapia com psicotrópicos. Todas as opções disponíveis da Farmacovigilância são esgotadas para garantir a maior segurança possível do medicamento.</p>

Fonte: Autores, 2022

De acordo com os estudos de Binotto et al. (2021), a pandemia trouxe mudanças no contexto psicossocial, provocando impactos na população como um todo. Neste estudo, houve a necessidade de analisar os níveis de ansiedade, estresse e depressão de 77 adolescentes com idades entre 12 e 18 anos, em um período da pandemia da COVID-19 e correlacionar os níveis de ansiedade, estresse e depressão com a percepção dos adolescentes sobre os impactos da pandemia em sua vida.

Na análise, ficou evidenciado níveis considerados muito graves e graves de ansiedade em 33,8% dos adolescentes, de depressão em 36,4% e estresse em 36,1%, indicando sentimento de desamparo no cuidado da saúde mental e a presença de conflitos familiares nesse período de isolamento social por causa do SARS-CoV-2 (Covid-19). A partir desses resultados, entende-se que a pandemia pode ser encarada

pelos pacientes pediátricos como uma fase complicada e geradora de sofrimentos, intensificando suas vulnerabilidades emocionais.

Nas pesquisas de Alcântara (2022), analisou-se o padrão de prescrição de Psicofármacos antes e durante a pandemia pelo novo corona vírus nas Unidades de Saúde da Família no município de Pinhais-PR. O estudo farmacoepidemiológico ocorreu em 11 Unidades de Saúde da Família no município de Pinhais, Paraná, do ano de 2018 a 2020, sendo evidenciado o padrão de 10% de prescrição de Psicofármacos, nos quais os mesmos eram “psiquiatrizadas” e “medicalizadas”.

Dentro deste panorama, o estudo trouxe uma identificação no padrão de prescrição e de consumo de psicofármacos na atenção primária à saúde, na qual percebe-se que pode contribuir para traçar uma linha de cuidado no âmbito da saúde mental durante e após a pandemia da COVID-19, sendo constatados que os mesmos com transtornos mentais e em sofrimento psíquico, necessitavam de acompanhamento com atenção medicamentosa.

No período Pandêmico, e da identificação eminente de transmissão comunitária do SARS-CoV-2 (Covid-19), algumas medidas de contenção foram tomadas, incluindo o distanciamento social, neste sentido, a população pediátrica acabou sentindo alguns impactos negativos em relação a saúde mental. Neste sentido Silva & Silveira (2019), realizaram uma verificação da utilização de Psicofármacos por crianças e adolescentes de um Centro de Atenção Psicossocial Infantil (CAPSi), com dados de 319 prontuários.

No estudo, houve a constatação de um crescente número de medidas interventivas médico-pedagógicas, a partir da proliferação de diagnósticos e prescrições de medicamentos Psicofármacos para pacientes pediátricos. No CAPSi da região norte do Rio Grande do Sul, na qual foi feita a verificação, 66,7% faziam uso dos fármacos, entre eles, os mais prescritos foram o antipsicótico risperidona com 36,3%, e com sintomas depressivos (8,5%). No estudo, de acordo com os prontuários, foi possível verificar que o uso elevado de antipsicótico, era por causa da demanda escolar e familiar com problemas.

Buchweitz et al. (2022) descreve em seu estudo sobre o alerta dado sobre os 166 milhões de meninos e meninas de 10 a 19 anos de idade preencherem os critérios para um distúrbio de saúde mental em 2019. Nesse mesmo ano, o suicídio estava entre as cinco principais causas de morte entre crianças de 15 a 19 anos em 8 das 9 regiões do Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), incluindo a América

Latina e o Caribe. Se estes fatos não são necessariamente novos para muitos clínicos, pesquisadores e formuladores de políticas, o impulso adicional necessário para catalisar a mudança pode ter finalmente vindo do relatório do UNICEF.

Elementos chaves foram dispostos na contribuição fornecida pela SoWC (2021), destacando período da pandemia, integrando a saúde mental em vários ambientes, sem se limitar a esses: cultura, geografia, renda, saúde, comunidades, escolas, famílias, raça e sexo. Neste sentido o relatório destaca a necessidade de iniciativas e intervenções multidimensionais e multidisciplinares para promover e manter a saúde mental e resolver fatores de risco de doenças mentais entre a faixa etária de 10 a 19 anos de idade em vários países.

De acordo com Almeida et al. (2019) trouxe um apanhado muito satisfatório em suas pesquisas quando avaliou o efeito da exposição e do tempo de exposição ao aleitamento materno na ocorrência de Transtornos Mentais Comuns (TMC) entre adolescentes escolares brasileiros, quanto aos Riscos Cardiovasculares em Adolescentes.

Na avaliação o TMC foi identificado pelo Questionário de Saúde Geral (*General Health Questionnaire* - GHQ-12), na qual dentre os 41.723 adolescentes avaliados, a maioria foi composta por estudantes do sexo feminino (54,6%), que tinham idades entre 12 e 15 anos (71%), estudavam em escolas públicas (83,1%), residiam na Região Sudeste (51,9%) e eram das classes econômicas B (53,8%) e C (34,1%). Cerca de metade das mães dos adolescentes não tinha o ensino médio completo (51,7%). O grupo de adolescentes com mais de seis meses de aleitamento materno (51,8%) apresentou uma menor prevalência de TMC para os dois pontos de corte do GHQ-12 avaliados, quando comparado com o grupo que não recebeu aleitamento materno ou que o recebeu por período inferior a 1 mês.

De acordo com o estudo de Lago et al. (2022), se tratando de segurança do paciente pediátrico, os autores destacam a intervenção farmacêutica, na qual está dentro do acompanhamento farmacoterapêutico e requer registro, realizado em conjunto entre os profissionais de saúde e o paciente, com o objetivo de prevenir e solucionar resultados clínicos negativos.

O estudo avaliou o perfil da atuação farmacêutica realizada pela farmácia clínica nos pacientes pediátricos internados na Unidade de Terapia Intensiva Pediátrica (UTIP) do Hospital Universitário Materno Infantil em São Luís – MA, através das análises dos 103 intervenções prescritas em prontuários, de pacientes

pediátricos. Neste contexto as intervenções farmacêuticas, em pacientes pediátricos, contribuíram para reduzir os erros relacionados à farmacoterapia das crianças internadas, contribuindo para melhora no quadro clínico, diminuição dos custos durante o tratamento e o período de internação.

Becerril-Villanueva et al. (2019), fomenta em seu estudo sobre uma avaliação de transtorno chamada Distúrbio Depressivo Maior (DDM), na qual tem prevalência de cerca de 5% em adolescentes. Vários estudos descreveram a associação entre a Resposta Inflamatória e DDM, mas pouco se sabe sobre a relação entre DDM e fatores de crescimento. Neste contexto, os autores apontam para poucas evidências científicas sobre associar fatores de crescimento em adolescentes com DDM e ainda menos com um acompanhamento clínico.

Na avaliação, lidando com os níveis de fatores de crescimento em adolescentes com DDM e o acompanhamento clínico, as pesquisas circuncidaram oito semanas de tratamento com fluoxetina, na qual todos os pacientes foram diagnosticados de acordo com a DSM-IV-TR (Manual Diagnóstico Estatístico de Transtornos Mentais), e a gravidade dos sintomas foi avaliada usando a Escala de Classificação de Depressão Hamilton (HDRS). Os fatores de crescimento foram quantificadas por matriz de esferas citométricas usando amostras de soro de 22 adolescentes com DDM e 18 voluntários saudáveis.

Nos resultados, todos os pacientes mostraram melhora clínica desde a quarta semana de tratamento farmacológico apresentou níveis consideravelmente mais altos, sendo detectados em adolescentes com DDM, em comparação com voluntários saudáveis. Uma significativa diminuição temporal foi detectada no fator de crescimento de fibroblastos (*Fibroblast Growth Factor* – FGF) básico, estimulador de colônia de granulócitos (G-CSF) e estimulador de colônias de granulócitos e macrófagos (GM-CSF) na quarta semana da administração com fluoxetina. Sabe-se, que este é o relatório para mostrar alterações nos níveis de fatores de crescimento, em adolescentes DDM durante oito semanas de acompanhamento clínico.

No estudo de caso clínico de Vloet et al. (2022), numa emergência de psiquiatria infantil e adolescente, os autores descreveram uma alta prevalência de transtornos nessa faixa etária. Esses casos relatados representam desafios significativos para os médicos, uma vez que um perigo substancial para o paciente ou outros deve ser evitado através da aplicação de intervenções amplamente moderadas no que se diz respeito sobre administração medicamentosa dos Psicofármacos.

As intervenções psicofarmacológicas, devido à falta de dados sistematicamente avaliados, na emergência da psiquiatria infantil e adolescente do estudo, a maioria das administrações de drogas psicotrópicas ocorre “off label” (uso de drogas farmacêuticas que não seguem as indicações homologadas para aquele fármaco), em episódios psicóticos agudos, delírio, distúrbios de consciência, intoxicação aguda e síndrome de abstinência alcoólica. Na discussão, a questão da qualidade e segurança nas estratégias farmacológicas de emergência.

Neste contexto, a fim de minimizar os riscos para os jovens que nos são confiados, devem ser feitos todos os esforços para administrar a medicação por meio de medidas preventivas de segurança medicamentosa, ou seja, a prevenção de deficiências iatrogênicas deve ser combatida por meio de monitoramento preciso com medidas de farmacovigilância.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a chegada da pandemia SARS-CoV-2 (Covid-19), crianças e jovens ficaram vulneráveis a problemas emocionais de uma forma agravante, o que diz respeito a vivência que geraram sofrimentos, causaram ansiedade e depressão, houve um aumento de transtorno e distúrbios, se não tratado pode ocasionar maiores problemas e prejudicar o desenvolvimento mental e físico.

A prevenção dos transtornos é fundamental para ajudar as crianças e adolescentes a prosperar para que não se estenda a uma fase adulta e prejudica a saúde física e mental limitando as suas oportunidades.

Percebe-se, pelos estudos investigados, no que tange a saúde mental e física de pacientes pediátricos, existe uma prevalência atualmente, de crianças e adolescentes diagnosticadas com transtornos mentais, ocasionados pela demanda estressante por causa do período de isolamento social. A Farmácia clínica vem promovendo, ministrações de cursos, palestras, revistas médicas e planos de apoio, financiadas para garantia de resultados favoráveis aos medicamentos psicotrópicos dispensados.

Nestes termos, por meio das pesquisas bibliográficas, foi analisado, a identificação de fatores preocupantes no uso dos psicotrópico clonazepan e fluoxetina, na qual verifica-se que associados ao tempo prolongado de tratamento, provoca

danos à saúde, contudo não há nenhuma contraindicação na administração da associação desses dois Psicofármacos.

Verifica-se, segundo as abordagens, que o consumo de drogas psicotrópicas, em destaque para o clonazepan, tem vitimado muitas pessoas, provocando a farmacodependência, acarretando déficit na saúde física e psíquica.

Pode-se concluir também, a necessidade de maior controle da venda de psicotrópicos ao público pediátrico, imposta por órgãos fiscalizadores como a ANVISA, e a importância da atualização constante dos profissionais farmacêuticos, atuando de maneira complementar e especificamente em atender ao público pediátrico diagnosticado com algum tipo de transtorno mental, objetivando a eficácia terapêutica aos pacientes pediátricos, oferecendo orientação farmacêutica através da atenção na ponta da cadeia, levando a sociedade a minimizar problemas relacionados ao uso desta classe medicamentosa em crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

ALCÂNTARA, A. M. Prescrição de Psicofármacos na Atenção Primária à Saúde no contexto da Pandemia da Covid-19. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 4. 2022. Disponível em: 20210-Article-318844-1-10-20220316.pdf. Acesso Em setembro de 2022.

ALMEIDA, C. R. de; COUTINHO, E. S. F.; SILVA, D. A.; OLIVEIRA, E. R. A. de; BLOCH, K. V; VIANA, M. C. Exposição ao aleitamento materno e transtornos mentais comuns na adolescência. **Cad. Saúde Pública**, 2019.

ARAÚJO, C. E. P.; TESCAROLLO, I. L.; ANTÔNIO, M. A. **Farmácia clínica e atenção farmacêutica**. Ponta Grossa, PR: Atena Editora, 2019. E-book. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/wp-content/uploads/2019/11/E-book-Farmacia-Clinica-e-Atencao-Farmacologica.pdf>. Acesso em outubro de 2022.

BATTISTELLI, J. Os efeitos dos ansiolíticos e antidepressivos. In: **Vittude Blog**. Abril de 2019. Disponível em: <https://www.vittude.com/blog/antidepressivos/>. Acesso em outubro de 2022.

BECERRIL-VILLANUEVA, E.; PÉREZ-SÁNCHEZ, G.; ALVAREZ-HERRERA, S.; GIRÓN-PÉREZ, M. I.; ARREOLA, R.; CRUZ-FUENTES, C.; PALACIOS, L.; LA PEÑA, F. R. DE; PAVÓN, I. *Alterations in the Levels of Growth Factors in Adolescents with Major Depressive Disorder: A Longitudinal Study during the Treatment with Fluoxetine*. **Mediators of Inflammation**, Volume 2019.

BINOTTO, B. T.; GOULART, C. M. T.; PUREZA, J. R. Pandemia da COVID- 19: indicadores do impacto na saúde mental de adolescentes. **Rev. Psicol Saúde e Debate**. 2021. Disponível em:

<https://psicodebate.dpgpsifpm.com.br/index.php/periodico/article/view/782>. Acesso em outubro de 2022.

BONADIMANI, C. S. C.; et al. A carga dos transtornos mentais e decorrentes do uso de substâncias psicoativas no Brasil: Estudo de Carga Global de Doença, 1990 e 2019. **Rev. bras. epidemiol.** vol.20 supl.1 São Paulo May 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1415790X2017000500191. Acesso em outubro de 2022.

BRAGHINI, S. **Medicalização da infância: uma análise bibliográfica** [Dissertação]. Campinas: Faculdade de Ciências Médicas. Universidade Estadual de Campinas Faculdade de Ciências Médicas. 2016. Disponível em: file:///C:/Users/User/Downloads/Braghini_Sandra_M.pdf. Acesso em outubro de 2022.

BRAMBILLA, C. F. **Isolamento social e o aumento/diminuição do consumo de álcool e psicotrópicos durante a COVID-19**. In: Universidade Federal da Integração Latino-Americana, Foz do Iguaçu. 2022. Disponível em: <https://dspace.unila.edu.br/handle/123456789/6523;jsessionid=7EC75AAACB3C7DBE10AF04F268B6D562>. Acesso em outubro de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Política do Ministério da Saúde para a atenção integral a usuários de álcool e outras drogas**. Brasília (DF); 2004. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/pns_alcool_drogas.pdf. Acesso em outubro de 2022.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA. **Transtornos de Ansiedade**. Saúde e Economia. Ano V, n. 10, Dezembro, 2013. Disponível em: <http://portal.anvisa.gov.br/documents/33884/412285/Boletim+Sa%C3%BAde+e+Economia+n%C2%BA+10/a45e002d-df42-4345-a3a2-67bf2451870c>. Acesso em outubro de 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Marco Legal: saúde, um direito de adolescentes**. Brasília, 2007. 58 p. Disponível em: http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/ao_basica_2ed.pdf. Acesso em outubro de 2022.

BUCHWEITZ, C.; CAYE, A.; KIELING, C. Em nossas mentes: o estado de saúde mental da criança e do adolescente. *On our minds: the state of child and adolescent mental health*. **Braz J Psiquiatria**. 2022.

CASTILHO, S.; NÉRI, E.; CALDEIRA, L. (Org.). Práticas clínicas no cuidado farmacêutico: limites e desafios. In: **Congresso de Farmácia Hospitalar. XII brasileiro e VIII sula-mericano**. 2019. Disponível em: <file:///C:/Users/pc/Downloads/469-Article%20text-1682-2-10-20200901.pdf>. Acesso em outubro de 2022.

CFF. Conselho Federal de Farmácia. **Resolução nº 586 de 29 de agosto de 2013. Regulamenta a prescrição farmacêutica e dá outras providências**. Disponível em: <http://www.cff.org.br/userfiles/file/resolucoes/586.pdf>. Acesso em outubro de 2022.

COSTA, C. O.; BRANCO, J. C.; VIEIRA, I. S. V.; SOUZA, L. D. M.; SILVA, R. A. S. Prevalência de ansiedade e fatores associados. In: **J. bras. psiquiatr.** vol.68 no.2 Rio de Janeiro Apr./June 2019.

FERNANDES, W. S; CEMBRANELLI, J. C. Automedicação e o uso irracional de medicamentos: o papel do profissional farmacêutico no combate a essas práticas. **Revista UniVap**; vol.21 n.37, p.5-12, 2015. Disponível em:<https://revista.univap.br/index.php/revistaunivap/article/view/265>. Acesso em setembro de 2022.

FIGUEIRÓ, M. N. D. **Educação Sexual: Retomando uma proposta, um desafio.** 3ª Ed. rev. e atual. – Londrina: Eduel, 2010.

FIRMINOI, K. F.; ABREU, M. H. N. G.; EDSON PERINII; MAGALHÃES, S. M. S. Fatores associados ao uso de benzodiazepínicos no serviço municipal de saúde da cidade de Coronel Fabriciano, Minas Gerais, Brasil. **Cad. Saúde Pública** vol.27 no.6 Rio de Janeiro June 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102311X2011000600019. Acesso em setembro de 2022.

FU-I, L.; BOARATI, M. A.; MAIA, A. P. F.; et al. **Transtorno bipolar na infância e adolescência.** Aspectos clínicos e comorbidades. Porto Alegre: ArtMed; 2010.

FURLANETTO, M. F.; MARIN, A. H.; GONÇALVES, T. R. **Acesso e qualidade da informação recebido pelo sexo e sexualidade na perspectiva adolescente.** Psicologia do desenvolvimento. Rio de Janeiro. Vol 19. N.3 P.644-664. 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/46907/31298>. Acesso em novembro de 2022.

GRILLO, E.; SILVA, R. J. M. **Manifestações precoces dos transtornos de comportamento na criança e no adolescente.** J Pediatr (Rio J). 2004.

LAGO, A. D.; FERREIRA, T. T. D. et al. Avaliação das Intervenções Farmacêuticas: estudo realizado em uma UTI Pediátrica do Hospital Universitário Materno Infantil em São Luís – MA. **Research, Society and Development**, v. 11, n. 7, 2022. Disponível em: <file:///C:/Users/User/Downloads/29839-Article-344733-1-10-20220528.pdf>. Acesso em outubro de 2022.

LANA, G. G.; SOUZA, D. M.; SOUZA, L. B.; SOUZA, S. M.; AGUILAR, N. C.; DANIEL RODRIGUES SILVA, D. R. **Uso inapropriado de medicamentos: polifarmácia e seus efeitos.** p. 166–178, 2018. Disponível em: <http://pensaracademico.facig.edu.br/index.php/pensaracademico/article/view/361>. Acesso em setembro de 2022.

LEONARDI, E. **Atenção farmacêutica em psicofármacos.** In: ICTQ. 2019. Disponível em: <https://www.ictq.com.br/varejo-farmaceutico/915-atencao-farmaceutica-em-psicofarmacos>. Acesso em setembro de 2022.

LIMA, C. G. A.; SILVA D. G. A utilização do medicamento clonazepam no contexto da estratégia saúde da família. In: **Revista Interd.** v. 10, n. 2, p. 17-25, abr. mai. jun. 2017. Disponível em: <file:///C:/Users/pc/Downloads/1139-3111-1-PB.pdf>. Acesso em setembro de 2022.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MATTA, S. R.; MIRANDA, E. S.; OSORIO-DE-CASTRO, C. G. S. Prescrição e dispensação de medicamentos psicoativos nos instrumentos normativos da regulação sanitária brasileira: implicações para o uso racional de medicamentos. **Rev. Bras. Farm.** 92(1): 33-41, 2011. Disponível em: <http://www.rbfarma.org.br/files/rbf-2011-92-1-6.pdf>. Acesso em setembro de 2022.

MEDLEY. Farmacêutica Ltda – Bula. **Clonazepam.** Comprimido 0,5 mg e 2 mg. 2017. Disponível em: <https://www.onofre.com.br/estaticos/bulas/321508.pdf>. Acesso em outubro de 2022.

MERCADANTE, M. T.; SCAHILL, L. **Psicofarmacologia da criança. Um guia para crianças, pais e profissionais.** São Paulo: Memnon; 2005.

MINAYO, M.C. de S. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade.** 22 ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

NASARIO, M.; SILVA, M. M. **O consumo excessivo de medicamentos psicotrópicos na atualidade.** In: Centro Universitário para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí – UNIDAVI. 2016. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2016/02/Marcela-Nasario.pdf>. Acesso em setembro de 2022.

NOAL, D. da S.; PASSOS, M. F. D.; FREITAS, C. M. de. **Recomendações e orientações em saúde mental e atenção psicossocial na COVID-19.** Rio de Janeiro: Fiocruz, 2020. Disponível em: https://www.fiocruzbrasil.fiocruz.br/wp-content/uploads/2020/10/livro_saude_mental_covid19_Fiocruz.pdf. Acesso em outubro de 2022.

OLIVEIRA, C. R. V.; MOREIRA, C.N.; REIS, B. C. C. **Prescrição de psicofármacos em pacientes pediátricos: uma revisão de literatura.** 2022. Disponível em: [9382-Artigo-105509-1-10-20220120%20\(1\).pdf](9382-Artigo-105509-1-10-20220120%20(1).pdf). Acesso em setembro de 2022.

OPAS. Organização Pan-Americana de Saúde. OMS afirma que COVID é agora caracterizada como pandemia. 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-comopandemia&Itemid=812. Acesso em setembro de 2022.

OPAS. Organização Pan-Americana de Saúde. **OMS afirma que COVID é agora caracterizada como pandemia.** 2020. Disponível em: https://www.paho.org/bra/index.php?option=com_content&view=article&id=6120:oms

-afirma-que-covid-19-e-agora-caracterizada-comopandemia&Itemid=812. Acesso em outubro de 2022.

PAHO - *The Pan American Health Organization*. **Depressão**. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/depressao>. Acesso em setembro de 2022.

PAHO - Pan American Health Organization. **Saúde mental dos adolescentes**. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/topicos/saude-mental-dos-adolescentes>. Acesso em outubro de 2022.

PAHO - Escritório da OPAS e da OMS no Brasil. **Folha informativa COVID-19**. 2020. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19>. Acesso em outubro de 2022.

PAULINO, P. H. de S. **Estudo teórico da fluoxetina**. In: Universidade Federal de São João del-Rei. São João del-Rei – 2018. Disponível em: https://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/coqui/TCC/Monografia-_Paulino.pdf. Acesso em outubro de 2022.

PEREIRA, M. D.; OLIVEIRA, L. C.; COSTA, C. F. T.; OLIVEIRA, B. C. M.; PEREIRA, M. D.; SANTOS CKA, et al. **A pandemia de COVID-19, o isolamento social, consequências na saúde mental e estratégias de enfrentamento: uma revisão integrativa**. 2020. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/493/960>. Acesso em outubro de 2022.

QUINALHA, J. V.; CORRER, C. J. **Instrumentos para avaliação da farmacoterapia: uma revisão**. Rev. bras. geriatr. gerontol. Rio de Janeiro, 2010; 13(3):487-499. Disponível em: <https://www.scielo.br/13n3/a14v13n3.pdf>. Acesso em setembro de 2022.

RÊGO, M. M.; COMARELLA, L. **O papel da análise farmacêutica da prescrição médica hospitalar**. In: UNINTER. 2016. Disponível em: [file:///C:/Users/pc/Downloads/419-463-1-PB%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/pc/Downloads/419-463-1-PB%20(1).pdf). Acesso em setembro de 2022.

REUVAS, M. P. **Neurociência e Transtorno de Aprendizagem**. Rio de Janeiro :Wak Editora, 2009.

RIVELLINO, R. Por que a Covid-19 também é perigosa para crianças e adolescentes. In: **Revista eletrônica Veja Saúde**. 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/blog/com-a-palavra/por-que-a-covid-19-tambem-e-perigos>. Acesso em outubro de 2022.

ROCHA, G. P.; BATISTA, B. H.; NUNES, M. L. **Orientações ao pediatra sobre o manejo das drogas psicoativas e antiepiléticas**. J Pediatr (Rio J). 2004.

SANTOS, A. M. **A atuação do farmacêutico na saúde mental após a reforma psiquiátrica: uma revisão da literatura**. Universidade Federal de Uberlândia – MG. 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufu.br/bitstream/123456789/22923/1/Atua%C3%A7%C3%A3oFarmac%C3%AAuticoSa%C3%BAde.pdf>. Acesso em setembro de 2022.

SILVA C. M.; et al. **Medicalização da queixa escolar e o uso de psicofármacos como resposta à questões comportamentais**. Estudos e Pesquisas em Psicologia, 2018.

SILVA, O. R. T. da; SILVEIRA, M. M. da. O uso de psicofármacos por crianças e adolescentes em um Centro de Atenção Psicossocial Infantil. **Revista Infarma – Ciências Farmacêuticas**. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/336447000_O_USO_DE_PSICOFARMACOS_POR_CRIANCAS_E_ADOLESCENTES_EM_UM_CENTRO_DE_ATENCAO_PSIKOSSOCIAL_INFANTIL. Acesso em outubro de 2022.

VLOET, T. D.; FEKETE, S.; GERLACH, M.; ROMANOS, M. O manejo farmacológico das emergências psiquiátricas da criança e do adolescente: evidências e garantia de qualidade. *Das pharmakologische Management kinder-und jugendpsychiatrischer Notfälle Evidenz und Qualitätssicherung*. **Zeitschrift für Kinder-und Jugendpsychiatrie und Psychotherapie**, 2022.

ZYLBERSZTEJN, D. S. Como fica a saúde do adolescente em tempos de pandemia? In: **Revista eletrônica Veja Saúde**. 2020. Disponível em: <https://saude.abril.com.br/blog/com-a-palavra/como-fica-a-saude-do-adolescente-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em outubro de 2022.